



A ESCRITA DE SI COMO CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NAS NARRATIVAS DE HARRIET JACOBS

Gladir da Silva Cabral*
Suélem da Cunha**

Resumo: O objetivo deste artigo é problematizar os processos identitários presentes na obra *Incidents in the Life of a Slave Girl: Written by Herself* (2005 [1861]), escrita por Harriet Jacobs (1813-1897), sob o pseudônimo de Linda Brent. Tomando por base os estudos de Jean Fagan Yellin (1990; 2004), Kabengele Munanga (2012) e os autores que discutem os estudos culturais e as narrativas de escravos, a obra de Harriet foi analisada levando em conta três aspectos: o domínio da escrita como ferramenta de construção identitária, a sexualidade e a interação entre religião e família. A narrativa de Harriet afilia-se a um gênero literário bastante afluyente no seu tempo: a autobiografia de escravos. Jacobs tem objetivos concretos e dirige-se especificamente à mulher branca que mora no Sul dos Estados Unidos e que, portanto, pode mudar a opinião pública em relação não só as mazelas do regime escravocrata como ao sistema religioso vigente.

Palavras-chave: Narrativas de Escravos. Identidade. Harriet Jacobs; Autobiografia.

Abstract: This paper aims at problematizing the identity problems present in the book *Incidents in the Life of a Slave Girl: written by herself* (1861), by Harriet Jacobs (1813-1897), under the pen name of Linda Brent. Based on the studies of Jean Fagan Yellin, Kabengele Munanga and authors who research and discuss 19th century slave narratives, we analyze the narrative of Harriet Jacobs trying to determine how the autobiography contributes to the identity formation. Three categories are here privileged: the use of writing as a tool for building identity, sexuality, and the interconnection between religion and family. Jacobs' narrative can be seen as a good example of a literary genre very prevalent in 19th Century: the slave autobiography. Jacobs establishes as her concrete objective to reach the Southern white woman, so that the public opinion can be changed in relation to slavery and religion.

Keywords: Slave Narratives. Identity. Harriet Jacobs. Autobiography.

*Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc,
Criciúma, SC, Brasil.
Professor do Programa de Pós-Graduação em
Educação da Unesc
E-mail: gla@unesc.net

* Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc
Criciúma, SC, Brasil.
Mestranda em Literatura pela Universidade Federal de
Santa Catarina
E-mail: suelemdacunha@gmail.com
DOI: 10.19177/memorare.v4e3-I2017112-133



REVISTA
MEMORARE

 UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

O crescente interesse pela obra de Harriet Jacobs revela a sua importância reconhecida nos últimos anos, não apenas pelos temas que apresenta e pela originalidade de abordagem, mas pela relevância histórica para o estudo das relações interculturais e identitárias no Ocidente e o papel da literatura nesse processo. Jacobs foi a primeira escrava a expor, numa narrativa impressa, a questão do assédio sexual contra a mulher escravizada, e isso num período em que o tema era considerado ainda um tabu, seja por conta dos padrões morais vigentes ou pelo pudor formatado pela mentalidade religiosa da época. Outro elemento original e de extrema importância na obra de Jacobs é a indicação do público ao qual ela é destinada: a mulher branca, de classe média e cristã do Norte dos Estados Unidos. Não por acaso, sua obra sofreu grande resistência por parte dos leitores, até porque “quando um escritor ou narrador é diferente – em raça, gênero ou classe social – dos seus leitores implícitos ou reais, as questões sobre autoridade e autenticidade se multiplicam” (FOSTER, 2004, p. 57, tradução nossa).¹

Incidents in the Life of a Slave Girl: Written by Herself apresenta a autobiografia da escrava norte-americana Harriet Jacobs, escrita sob o pseudônimo de Linda Brent. As narrativas de Linda relatam sua vida desde o período da infância até sua posterior fuga para o Norte dos Estados Unidos em busca de liberdade. Jacobs nasceu em Edenton, Carolina do Norte, em 11 de fevereiro de 1813 e faleceu em Washington, DC em 7 de março de 1897 (YELLIN, 2004). Com a morte precoce de seus pais, Linda foi criada pela avó e seus familiares, e somente então entendeu-se por escrava, aos seis anos de idade. Como ela mesma afirma em sua narrativa, "eu era tão carinhosamente protegida que jamais sonhei que fosse apenas uma mercadoria"² (JACOBS, 2005 [1861], p. 5, tradução nossa). Contudo, a menina mantinha um relacionamento afetuosos com sua dona, uma senhora debilitada e doente que apadrinhou a pequena “Hatty” e a ensinou a ler e escrever, a título de educação religiosa, por meio de estudos bíblicos que fazia.

Entretanto, com a morte de sua senhora, e frustrando antigos sonhos de alforria e liberdade, Jacobs foi entregue como herança à pequena sobrinha Mary Matilda, cujo pai (Dr. Flint) era um senhor cruel e que passou a constantemente assediar sexualmente a

¹“When a writer or narrator is different in race, gender, or class from the implied or actual reader, questions about authority and authenticity multiply” (FOSTER, 2004, p. 57).

² “I was so fondly shielded that I never dreamed I was a piece of merchandise” (JACOBS, 1861, p. 5).



jovem Jacobs. Para fugir dos abusos de seu mestre, Harriet decide se envolver com um homem branco cujo status e poder social eram maiores do que os de seu senhor, pois acreditava que ele a protegeria no futuro e eventualmente daria liberdade aos filhos que viesse a ter. Em sua adolescência, deu à luz a dois filhos desse relacionamento. Quando seu mestre, com ciúmes, ameaçou-a com a proposta forçada de um concubinato, Jacobs fugiu. Ajudada pela família e vizinhos brancos, ela foi abrigada por sua avó e durante sete anos permaneceu confinada em um sótão cuja medida não passava de um metro e meio. Durante esse tempo, seus filhos, comprados do Dr. Flint depois de longa e tensa transação, foram autorizados a viver com a avó na mesma casa onde ela permanecia escondida. Finalmente, Harriet fugiu para o Norte dos Estados Unidos, conquistou sua liberdade e escreveu sua narrativa em prol do movimento abolicionista, denunciando as mazelas da escravidão e, principalmente, o abuso sexual sofrido pelas escravas no sul do país.

O intuito deste trabalho é discutir e problematizar o papel da escrita de si na formação identitária na narrativa de Jacobs. Para alcançar esse objetivo, estabelecem-se como categorias de análise o domínio da palavra escrita e do gênero autobiográfico, o papel que a sexualidade ocupa na narrativa e na estratégia de sobrevivência de Jacobs, as relações familiares e a experiência religiosa da narradora. Jean Fagan Yellin (2004) é de uma importância singular para o reconhecimento da obra de Jacobs. Foi por meio de suas pesquisas que se deu a comprovação de que *Incidents* é, de fato, uma autobiografia, pois por muito tempo a obra foi lida como ficção, visto que a figura história de Harriet Jacobs caiu no esquecimento após sua morte. Yellin traçou as origens do livro, por meio de cartas, mapas, testamentos, notícias de jornal e vários documentos, redescobriu a historicidade do livro e modificou o tipo de leitura da obra que vinha sendo feita até então, embora seja necessário lembrar a afirmação de Jacqueline Goldsby de que “a distinção entre fato e ficção são significativas e difíceis de discernir em *Incidents*” (2004, p. 12).

As narrativas de Linda Brent (Harriet Jacobs) mostram evidências de um pacto autobiográfico com o leitor, que faz parte das convenções próprias ao gênero narrativa de escravos do século XIX. No início de sua obra, a então escrava norte-americana propõe um acordo de verdade entre ela e sua leitora:



Leitora, saiba que esta narrativa não é ficção. Tenho consciência de que algumas de minhas aventuras podem parecer incríveis; mas elas, não obstante, são totalmente verdadeiras. Não exagerei os agravos infligidos pela escravidão; pelo contrário, minhas descrições estão muito aquém dos fatos. Troquei o nome de lugares e criei nomes pessoais fictícios. Não tenho motivos meus para esconder as informações, mas entendi que era o mais apropriado e respeitoso em relação às demais pessoas.³ (JACOBS, 2005 [1861], p. 1, tradução nossa)

Para Zafar, o fato de Jacobs explicitar o caráter não ficcional de seu texto evidencia o quanto ela era consciente de seu processo de escrita e de seu contexto social. Ela sabe que precisa começar sua narrativa não pela história de seu nascimento, mas derrubando muros de preconceito que havia entre ela e seu público leitor feminino e branco (ZAFAR, 2004). A autobiografia de uma escrava negra enfrentaria um nível de desconfiança e incredulidade muito maior, por parte dos leitores brancos, do que as autobiografias publicadas anteriormente de escravos negros.

2. As narrativas de escravos como gênero literário

A escrita de si foi um dos gêneros pioneiros na literatura negra abolicionista nos Estados Unidos do séc. XIX. De acordo com Santos (2011), o surgimento das narrativas se deu com dois objetivos predominantes: a denúncia das mazelas do regime escravocrata e a revisão do discurso político-teológico vigente. Para Davis e Gates, no Prefácio do seu livro *The Slaves Narratives* (1990), “as narrativas dos escravos são um repositório verdadeiro das preocupações ontológicas e epistemológicas dos seres humanos escravizados na América anterior à Guerra Civil”⁴ (p. vi, tradução nossa). Entre os muitos escravos que relataram suas histórias por meio de autobiografias, encontram-se as narrativas de Frederick Douglass, Henry Bibb e Harriet Jacobs.

As narrativas refletiam muito mais do que a denúncia do regime, elas surgiram para quebrar os estereótipos sobre os negros, comum entre os brancos, de que a cor da pele correspondia ao nível de inteligência: o escravo como indivíduo reificado procurou,

3 “Reader be assured this narrative is no fiction. I am aware that some of my adventures may seem incredible; but they are, nevertheless, strictly true. I have not exaggerated the wrongs inflicted by Slavery; on the contrary, my descriptions fall far short of the facts. I have concealed the names of places, and given persons fictitious names. I had no motive for secrecy on my own account, but I deemed it kind and considerate towards others to pursue this course” (JACOBS, 2005 [1861], p. 1).

4 “The slave's narratives are veritable repositories of the ontological and epistemological concerns of human beings enslaved in antebellum America” (DAVIS; GATES, 1990, p. vi).



por meio das narrativas, provar sua capacidade intelectual. O domínio da linguagem escrita por parte dos brancos contribuía para a exclusão cada vez maior da comunidade negra norte-americana, por isso as narrativas de escravos eram tão importantes (DAVID; GATES, 1990, p. 30).

Uma vez que o processo de escrita representava a superação de imensas dificuldades sociais e culturais, os escravos que possuíam as habilidades linguísticas de leitura e escrita eram considerados figuras privilegiadas no cenário da luta abolicionista. Para um escravo, aprender a ler e a escrever não era somente difícil, era ilegal (DAVIS; GATES, 1990). Muitos deles eram proibidos de falar na sua língua nativa africana, contudo era-lhes também proibida a alfabetização em língua inglesa. Apesar das dificuldades, as narrativas de escravos logo se tornaram muito populares nos Estados Unidos da América e na Europa, como a obra de Frederick Douglass, por exemplo, que venderam mais de 5.000 cópias nos primeiros quatro meses de publicação. Segundo Davis e Gates, entre os anos de 1845 e 1847, a mesma narrativa vendeu 11.000 cópias e, na Grã-Bretanha, mais de nove edições foram publicadas. Esse fato mostra a popularidade das narrativas entre o público branco, ao qual grande parte das obras era endereçada no sentido de denunciar a violência e explicitar as dificuldades e situações extremas vividas pelos negros sob o regime escravocrata. De 1760 a 1947, foram publicadas mais de 200 narrativas de escravos nos Estados Unidos e na Inglaterra de um total mais de 6.000 obras existentes (STARLING, 1982).

Jacobs traz em sua narrativa uma característica inovadora: a inserção do tema do abuso sexual de escravas. Yellin, em um de seus ensaios sobre a autobiografia de Harriet Jacobs, afirma que:

Incidentes é, até onde sei, a única narrativa de escravos que tem como tema a exploração sexual de escravas – centralizando assim a opressão sexual, bem como a opressão de raça e condição; ela é, que eu saiba, a única narrativa de escravos que identifica o seu público como do sexo feminino; e ela é, que eu saiba, a única narrativa de escravo escrita no estilo de ficção sentimental; e meu trabalho sugere que pode ser a primeira narrativa completa de escravos escrita por uma mulher a ser publicada neste país. (YELLIN apud DAVIS; GATES, 1990, p. 263, tradução nossa)⁵

⁵*“Incidents is, to my knowledge, the only slave narrative that takes as its subject the sexual exploitation of female slaves – thus centering on sexual oppression as well as on oppression of race and condition; it is to my knowledge, the only slave narrative that identifies its audience as female; it is to my knowledge, the only slave narrative written in the style of sentimental fiction; and my work suggests that it may be the*



De acordo com estudos de Yellin (2004), muito além das premissas de denunciar o regime escravocrata, Harriet tinha como alvo convencer a leitora, mulher branca, para que soubesse como vivia a mulher escrava no Sul estadunidense, principalmente para que a leitora tivesse conhecimento das crueldades sofridas entre as mulheres negras, o assédio sexual provocado pelos senhores e proprietários de escravos e o poder corrosivo do sistema escravagista. Harriet, como outros autores de narrativas, põe como subtítulo de sua autobiografia a expressão *Written by Herself* (escrito por ela mesma). No título do livro ela explicita o gênero feminino e, em seu prefácio, anuncia que o sistema escravocrata é terrível tanto para homens quanto para mulheres: “A escravidão é terrível para os homens, mas é muito mais terrível para as mulheres” (JACOBS, 2005 [1861], p. 1, tradução nossa).⁶ Yellin também justifica que, devido à abordagem sobre opressão sexual presente na obra de Jacobs, *Incidents* apresenta uma crítica dupla voltada para a sociedade e as instituições americanas do séc. XIX:

O livro inevitavelmente desafia a instituição da escravidão e sua ideologia de apoio ao racismo branco; assim como, inevitavelmente, ele desafia as instituições e ideias patriarcais tradicionais. Em *Incidentes* a “Linda Brent” de Jacobs dramatiza o sucesso de sua luta para libertar a si mesma e a seus filhos. Ela impede seu senhor de estuprá-la, arma um expediente para que seus filhos sejam resgatados dele, esconde-se, foge e finalmente alcança a liberdade. Ao mesmo tempo, o narrador de Jacobs dramatiza o fracasso de seus esforços para aderir aos padrões sexuais que tinha sido educada para endossar. (YELLIN, 1990, p. 270, tradução nossa)⁷

Diferentemente de outras narrativas de escravos, a narradora Linda Brent não demonstra piedade pelo seu senhor, o relato termina com sua fuga para o Norte dos Estados Unidos, sem qualquer forma de redenção ou reconciliação com aqueles que a torturaram física e mentalmente. Ao mesmo tempo em que a narradora se debate com o senso de culpa pela sua gravidez, em função de seus fortes princípios religiosos, ela não demonstra piedade em relação ao seu opressor.

first full-length slave narrative by a woman to be published in this country” (YELLIN apud DAVIS; GATES, 1990, p. 263).

6“Slavery is terrible for men, but is far more terrible for women” (JACOBS, 2005 [1861], p. 1).

7“It inevitably challenges the institution of chattel slavery and its supporting ideology of White racism; just as inevitably, it challenges traditional patriarchal institutions and ideas. In *Incidents* Jacobs’ Linda Brent dramatizes the success of her struggle to liberate herself and her children. She prevents her master from raping her, arranges for her children to be rescued from him, hides, escapes, and finally achieves freedom. Simultaneously, Jacob’s narrator dramatizes the failure of her efforts to adhere to the sexual patterns she had been taught to endorse” (YELLIN, 1990, p. 270).



3. A identidade negra: entre a memória e a imaginação

Ao falar sobre identidade como categoria de autodefinição, Munanga (2012) afirma que o primeiro fator responsável pela construção da identidade coletiva é a história. Entretanto, a visão histórica que conhecemos sobre a identidade negra nos foi mostrada pelo “outro”, portanto as informações sobre a cultura afro-americana nos foram passadas “de maneira depreciativa e negativa” (p. 10). Para o antropólogo, o entendimento da construção identitária do negro se dá por meio de sua história desde a África, sem modificações ou visões distorcidas: “Razão pela qual o afastamento e a destruição da consciência histórica era uma das estratégias utilizadas pela escravidão e colonização, para destruir a memória coletiva dos povos escravizados e colonizados” (p. 10).

McPherson e Shelby (2004) comentam que a identidade afro-americana é complexa e intensamente contestada. Segundo os autores, a identidade coletiva ou social possui cinco dimensões, sendo elas a dimensão racial, a qual questiona a relação das características genéticas e continentais; a étnica, que enfatiza o embasamento da cultura e descendência biológica; a nacional, que presume a origens territorial e cultural; a cultural, cuja concepção não está necessariamente ligada a traços físicos ou territoriais; e, por fim, a dimensão política, cuja ênfase se dá por meio de valores políticos, como, por exemplo, os direitos civis ou o empoderamento político.

Por sua vez, Roy Eyerman, em sua obra sobre a escravidão e a formação da identidade negra intitulada *Cultural Trauma: Slavery and the Formation of the African American Identity*, observa que a identidade do homem negro norte-americano se dá a partir da memória coletiva focada num trauma partilhado: a escravidão (2003). Segundo o autor, e em consonância com outros estudiosos da cultura e da antropologia, a identidade em geral e a identidade negra norte-americana em específico é uma fabricação cultural, um processo longe de ser identificado com determinismo biológico ou natural. A identidade coletiva é uma construção social feita a partir das inúmeras artificialidades e estratégias de representação.

Nesse sentido, a escravidão foi traumática em retrospecto, e formou uma "cena primitiva" que poderia, potencialmente, unir todos os "afro-americanos" dos Estados Unidos, fossem eles escravos ou não tivessem qualquer conhecimento ou sentimento sobre a África. A escravidão formou a



raiz de uma identidade coletiva emergente através de uma memória coletiva igualmente emergente, que deu significado e distinção a uma raça, a um povo ou a uma comunidade, dependendo do nível de abstração e ponto de vista a ser apresentado.⁸ (EYERMAN, 2003, p. 1-2, tradução nossa)

No aspecto particular que diz respeito ao foco deste trabalho, as narrativas dos escravos funcionam como instrumentos de mediação e representação dessas identidades. Trata-se de um exercício contínuo de preservação, criação e recriação da memória coletiva de um povo que veio da África como escravo e passou a viver num contexto de opressão e exploração continente Americano.

Os estudos de Munanga mostram que a negritude, embora tenha sua origem na cor da pele negra, não é essencialmente de ordem biológica. Ao contrário, “a identidade negra se refere à história comum que o olhar do mundo ocidental ‘branco’ reuniu sob o nome de negros” (2012, p. 12). O antropólogo afirma também que a negritude vai além da cultura daqueles que têm a pele negra, pois dentre os negros há culturas diferentes, portanto, a negritude é, de certa forma, uma “[t]omada de consciência de uma comunidade de condição histórica de todos aqueles que foram vítimas da inferiorização e negação da humanidade plena pelo mundo ocidental, a negritude deve ser vista também como confirmação e construção de uma solidariedade entre a vítimas” (p. 12). Como se vê, tanto Munanga, que estuda os fenômenos identitários do povo negro do Brasil, quanto Eyerman, que foca seus estudos no povo negro norte-americano, o ponto de partida da construção identitária do povo afrodescendente é a cor da pele e a experiência coletiva e traumática da escravidão.

Outro aspecto levantado por Eyerman em seu livro diz respeito à diversidade de manifestações do que se costuma generalizar por identidade negra. Não é possível conceber que haja apenas uma única identidade, homogênea, simples, inteira. O que há é uma complexa configuração e uma variedade de identidades negras arbitrariamente unificadas em função de identificação, percepção ou controle do fenômeno social, e em constante movimento e tensão (2003).

8 “In this sense, slavery was traumatic in retrospect, and formed a ‘primal scene’ which could, potentially, unite all ‘African Americans’ in the United States, whether or not they had themselves been slaves or had any knowledge of or feeling for Africa. Slavery formed the root of an emergent collective identity through an equally emergent collective memory, one that signified and distinguished a race, a people, or a community depending on the level of abstraction and point of view being put forward” (EYERMAN, 2003, p. 1-2).



Ainda segundo Eyerman, dois elementos operam de modo articulado na construção da identidade do negro norte-americano: o exercício da memória e o da imaginação (2003). Memória entendida não como processo interior, mental do indivíduo, mas como experiência coletiva do cotidiano. Trata-se da consciência coletiva de uma comunidade, povo, nação, que começa com o compartilhar de um passado comum, que permite a sedimentação da “solidariedade no tempo presente” (2003, p. 6). E ainda: “Essa memória coletiva dá ao indivíduo um mapa cognitivo dentro do qual pode orientar seu comportamento presente. A partir dessa perspectiva, memória coletiva é uma necessidade social; nem o indivíduo nem a sociedade podem subsistir sem ela”⁹ (p. 6, tradução nossa). No caso das memórias de Harriet Jacobs, elas estão imersas na experiência coletiva do seu povo. Não são apenas relatos pessoais, de interesse ou escopo apenas subjetivo, individual, mas traços e representações que remetem ao coletivo, à sociedade negra como um todo.

A imaginação é outro elemento que não pode ser desprezado no processo de construção identitária. A memória não é composta apenas de fatos objetivos que servem de referência e arcabouço, mas de contribuições absolutamente criativas, releituras, reapropriações, interpretações, ressignificações da realidade. A memória é sempre seletiva, articulada com o apagamento, “esquecimento” do indesejado, do não-relevante. Por outro lado, as artes (a literatura, a poesia, a música, a pintura...) têm papel importantíssimo na construção identitária e na tecedura da memória coletiva.

4. O domínio da palavra escrita como meio de construção identitária

Para exemplificar como o letramento de Harriet Jacobs (Linda Brent) influenciou sua formação identitária, há três momentos em sua narrativa que mostram o domínio da palavra escrita como um instrumento de libertação física, moral e espiritual. O primeiro momento é aquele em que Jacobs descreve em narrativa seu processo de alfabetização:

Minha senhora me ensinou os preceitos da Palavra de Deus: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". "Tudo o que vós quereis que os homens vos

9 “This collective memory provides the individual with a cognitive map within which to orient present behavior. From this perspective, collective memory is a social necessity; neither an individual nor a society can do without it”.

façam, fizeti vós também a eles". Mas eu era a sua escrava, e eu suponho que ela não me reconheceu como seu próximo. Eu gostaria muito tirar da memória esse grande mal. Quando criança, eu amava minha senhora; e, olhando para trás para os dias felizes que passei com ela, eu tento pensar com menos amargura sobre esse ato de injustiça. Enquanto eu estava com ela, ela me ensinou a ler e soletrar, e por esse privilégio, que tão raramente é concedido a um escravo, eu bendigo sua memória.¹⁰ (JACOBS, 2005 [1861], p. 3, tradução nossa)

Nesse fragmento, Harriet Jacobs revela a decepção que sentiu quando sua senhora, ao morrer, não deixou como provisão testamentária a concessão da liberdade. Contudo, Jacobs percebe o quão importante foi para sua vida o acesso à palavra escrita e demonstra gratidão à sua senhora pelo bem que lhe foi concedido.

Yellin (2004) comenta que a senhora de Linda usava a Bíblia e o seu caderno de orações para ensiná-la a ler, pois sua intenção acima de tudo era ensinar instruções morais e religiosas. Apesar desse início promissor na experiência de letramento, seu processo de formação como escritora foi cheio de lacunas e interrupções. Segundo Yellin (2004), trinta anos após sua iniciação no universo da palavra escrita, Jacobs ainda se ressentia da falta de domínio vocabular, sintático e semântico, pois, como ela mesma confessa, tudo o que aprendeu veio de sua boa vontade e das profundezas de sua alma (2004, p. 13). Isso se tornaria particularmente delicado quando da busca de um editor para publicar seu livro, que ao final foi revisado por L. Maria Child.

Em um segundo momento da narrativa, pode-se observar como Harriet faz uso da escrita para se defender e lutar pela sua liberdade. Enquanto estava confinada no sótão da casa de sua avó, fugindo de seu opressor, Jacobs escrevia cartas para o próprio Norcom (Dr. Flint) e, com a ajuda de um amigo que viajava para o norte, enviava as cartas para que seu senhor concluísse que ela estava em Nova York:

Dr. Flint não havia desistido de mim. Às vezes ele dizia à minha avó que eu ainda iria voltar e voluntariamente entregar-me; e que, quando eu o fizesse, eu poderia ser comprada por meus parentes ou qualquer um que quisesse me comprar. Eu conhecia sua natureza astuta a ponto de perceber que essa era mais uma de suas armadilhas para me pegar; e todos os meus amigos o perceberam também. Resolvi enfrentar sua astúcia com minha astúcia. A fim

10“My mistress had taught me the precepts of God’s Word: “Thou shalt love thy neighbor as thyself”. “Whatsoever ye would that men should do unto you, do ye even so unto them”. But I was her slave, and I suppose she did not recognize me as her neighbor. I would give much to blot out from my memory that one great wrong. As a child, I love my mistress; and, looking back on the happy days I spent with her, I try to think with less bitterness of this act of injustice. While I was with her, she taught me to read and spell: and for this privilege. Which so rarely falls to the lot of a slave, I bless her memory” (JACOBS, 2005 [1861], p. 3).



de fazê-lo acreditar que eu estava em Nova York, resolvi escrever-lhe uma carta datada daquele lugar. Chamei meu amigo Pedro e perguntei-lhe se ele sabia de algum marinheiro de confiança que levasse uma carta para Nova York e para colocar no correio lá. Ele disse que conhecia alguém a quem poderia confiar sua própria vida até os confins do mundo. Lembrei-lhe que esse era um movimento perigoso. Ele disse que sabia disso, mas que estava disposto a fazer qualquer coisa para me ajudar. Pedi um jornal de Nova York, para saber o nome de algumas das ruas. Ele colocou a mão no bolso e disse: "Aqui está o pedaço de um, que estava dentro de um boné que comprei de um vendedor ambulante ontem". Eu disse a ele que a carta estaria pronta na noite seguinte. Ele se despediu, acrescentando: "Anime-se, Linda; dias melhores virão pouco a pouco".¹¹ (JACOBS, 2005 [1861], p. 87, tradução nossa)

Os sentimentos de Jacobs (Linda Brent) em relação ao Dr. Norcom (Dr. Flint) mudaram a partir do momento em que ela passou a manipular seu opressor por meio das cartas. Desde então, Linda deixou de ser vítima de Dr. Flint e passou a ser sua inimiga, utilizando com astúcia a palavra escrita, monitorando os passos do seu algoz e aguardando por uma possível rota de fuga. Jacobs experimentou o empoderamento de quem se torna autor de sua própria história, de sua própria narrativa. Essa mudança contribuiu para restituir a autoestima a Harriet e fez com que ela reassumisse o controle de seu corpo e mente:

Ela agora sabia que não apenas poderia agir por si mesma – ela já havia aprendido que poderia atingir seu inimigo dessa forma – manipulando-o. Esse pequeno triunfo sobre seu inimigo deu-lhe ocasião para começar a recuperar o controle de seu corpo e preparar-se para as batalhas que viriam.¹² (YELLIN, 2004, p. 57, tradução nossa)

Um terceiro momento em que o domínio da palavra escrita se fez fundamental para a formação da identidade e memória de Harriet Jacobs foi quanto tomou a decisão que escrever sua autobiografia. No último capítulo de sua narrativa, Linda Brent

11 "Dr. Flint had not given me up. Every now and then he would say to my grandmother that I would yet come back, and voluntarily surrender myself; and that when I did, I could be purchased by my relatives, or anyone who wished to buy me. I knew his cunning nature too well not to perceive that this was a trap laid for me; and so all my friends understood it. I resolved to match my cunning against his cunning. In order to make him believe that I was in New York, I resolved to write him a letter dated from that place. I sent for my friend Peter, and asked him if he knew any trustworthy seafaring person, who would carry such a letter to New York and put it in the post office there. He said he knew one that he would trust with his own life to ends of the world. I reminded him that it was hazardous thing for him to undertake. He said he knew it, but he was willing to do anything to help me. I expressed a wish for a New York paper, to ascertain the names of some of the streets. He run his hand into his pocket, and said, "Here is a half a one, that was round a cap I bought of a peddler yesterday." I told him the letter would be ready the next evening. He bade me good bye, adding, "Keep up your spirits, Linda; brighter days will come by and by" (JACOBS, 2005 [1861], p. 87).

12 "She now knew she could not only act on herself – she had already learned she could strike her enemy this way – but by manipulating him. This tiny triumph over her enemy became the occasion for her to begin to regain control of her body, to prepare herself for the battles to come" (YELLIN, 2004, p. 57).



confessa ao leitor o quão foi difícil escrever sobre si mesma e enfrentar a dor de suas memórias, seus fantasmas do passado (e do presente, pois ainda era considerada oficialmente uma escrava fugida), embora ainda assim em meio a boas lembranças de sua avó:

Tem sido doloroso para mim, de muitas maneiras, lembrar-me dos anos sombrios que passei em cativeiro. Eu gostaria de esquecê-los, se pudesse. No entanto, a lembrança não é totalmente sem consolo; em meio àquelas lembranças sombrias vêm memórias boas da minha velha avó, como nuvens felpudas e leves que flutuam sobre um mar escuro e conturbado.¹³ (JACOBS, 2005 [1861], p. 138, tradução nossa)

Yellin (2004) comenta sobre as dificuldades que Harriet Jacobs encontrou ao tentar publicar sua autobiografia. O livro foi rejeitado várias vezes e Jacobs se sentiu envergonhada pela exposição que a narrativa traria, principalmente diante de seus familiares. O contexto no qual seu livro foi escrito não era confortável, pois Jacobs trabalhava arduamente durante o dia e escrevia seu manuscrito nas horas vagas. Contudo, ela não queria piedade, seu texto é altamente crítico ao regime escravocrata vigente e centrado na proposta de oferecer uma análise exigente dessa instituição.

5. O papel da sexualidade na formação da identidade de Harriet Jacobs

A narrativa de Harriet Jacobs, segundo Yellin (2004), foi a primeira autobiografia de escravo a abordar um tema até então não reconhecido pela sociedade: o abuso sexual sofrido por escravas pelos seus senhores, ainda que “os elementos melodramáticos e feministas em *Incidents in the Life of a Slave Girl* fossem mais ou menos comuns em outras novelas antiescravagistas”¹⁴ (FOSTER, 2004, p. 65, tradução nossa). Harriet sabia de sua condição como escrava, mas não aceitava o fato de ter de se submeter aos caprichos de seu dono. Seus princípios religiosos e morais, além da questão da dignidade humana, a impediam de aceitar os assédios do seu senhor. Para

13 “It has been painful to me, in many ways to recall the dreary years I passed in bondage. I would gladly forget them if I could. Yet the retrospection is not altogether without solace; for those gloomy recollections come tender memories of my old grandmother, like light fleecy clouds floating over a dark and troubled sea” (JACOBS, 2005 [1861], p. 138).

14 “The melodramatic and feminist elements in *Incidents in the Life of a Slave Girl* were fairly common in antislavery novels” (FOSTER, 2004, p. 65).



Harriet, era difícil entender-se como uma propriedade de alguém, algo comparável a um armário da sala de estar, a um objeto de uso doméstico.

Pode-se ver como sexualidade influenciou a construção identitária de Harriet Jacobs em três momentos de sua autobiografia em que sua vida de escrava toma rumos diferentes. Os três momentos foram: 1) o assédio sexual por parte de seu senhor, 2) a decepção de não ter podido casar-se com o único homem que amou; 3) e a decisão de se envolver sexualmente com um homem branco de elevado status social, para proteger-se de seu opressor.

Em um primeiro momento, Harriet perde sua senhora e é dada como herança ao cunhado de sua dona, que na obra é chamado Dr. Flint. Ato contínuo, Linda passa a ser propriedade da pequena filha do Dr. Flint, e é perseguida incessantemente pelo seu senhor, que deseja transformá-la em sua concubina:

Meu Senhor começou a sussurrar palavrões no meu ouvido. Apesar de eu ser tão jovem, não podia ignorar seus significados. Eu tentei tratá-lo com indiferença ou desprezo. A sua idade, a minha extrema juventude e o medo de que sua conduta seria relatada à minha avó o fizeram suportar esse tratamento por muitos meses. Ele era um homem astuto, e recorreu a diversos meios para realizar seus propósitos. Às vezes ele era tempestuoso ao ponto de fazer suas vítimas tremerem; às vezes ele assumia uma gentileza que ele pensava suficiente para me subjugar. Dos dois, eu preferia os seus estouros temperamentais, embora eles me deixassem tremendo de medo. Ele tentou ao máximo corromper os princípios puros que minha avó havia me ensinado. Ele povoou minha mente jovem com imagens sujas, como só um monstro vil poderia pensar. Afastava-me dele com nojo e ódio. Mas ele era o meu senhor. Fui obrigada a viver com ele sob o mesmo teto, onde vi um homem 40 anos mais velho do que eu violando diariamente os mandamentos mais sagrados da natureza.¹⁵ (JACOBS, 2005 [1861], p. 17, tradução nossa)

Yellin (2004), ao descrever o comportamento do Dr. Norcom (Dr. Flint), comenta que ele era um indivíduo apto tanto à intelectualidade como à crueldade mórbida: era membro de uma igreja protestante e possuidor de um prestigioso status social, todavia sua intensidade e obsessão por controle o tornavam um ser violento,

15 “My master began to whisper foul words in my ear. Young as I was, I could not remain ignorant of their import. I tried to treat them with indifference or contempt. The master’s age, my extreme youth, and the fear that his conduct would be reported to my grandmother, made him bear this treatment for many months. He was a crafty man, and resorted to many means to accomplish his purposes. Sometimes he had stormy, terrific ways, that made his victims tremble; sometimes he assumed a gentleness that he thought must surely subdue. Of the two, I preferred his stormy moods, although they left me trembling. He tried his utmost to corrupt the pure principles my grandmother had instilled. He peopled my young mind with unclean images, such as only a vile monster could think of. I turned from him with disgust and hatred. But he was my master. I was compelled to live under the same roof with him-where I saw a man forty years my senior daily violating the most sacred commandments of nature” (JACOBS, 2005 [1861], p. 17).



intolerante e imprevisível. Jacobs relata em sua autobiografia: “Dr. Flint jurou que me mataria, caso eu não ficasse calada como um túmulo” (2005 [1861], p. 18, tradução nossa).¹⁶

Outro fator que atormentava Harriet em relação às constantes ameaças de seu opressor era a vergonha que sentia de falar sobre o assunto com sua avó – o fato é que, além do medo, também havia um sentimento de culpa: “Eu era muito jovem e me sentia envergonhada de falar para ela sobre essas coisas impuras, principalmente porque eu sabia que ela era muito rígida em relação e esses assuntos” (JACOBS, 2005 [1861], p. 18, tradução nossa).¹⁷ Não apenas o assédio sexual às mulheres escravas é denunciado na narrativa de Jacobs, mas até mesmo a homens são citados como vítimas de violência e exploração sexual:

Enquanto seu [senhor] deitava-se em sua cama, feito as ruínas degradantes da masculinidade, metia em sua cabeça as mais estranhas ideias de despotismo; e se Lucas hesitasse em submete-se às suas ordens, o delegado era imediatamente chamado. Alguns dessas aberrações eram nojentas demais para serem repetidas aqui. Deixei o pobre Lucas ainda acorrentado à cama de sua cruel e abjeta desgraça. (JACOBS, 2005 [1861], p. 171)¹⁸

Um segundo momento relacionado à sexualidade de Harriet é quando ela se enamora por um jovem negro livre: o primeiro homem por quem experimentou sentimentos de afeto, romantismo e amorosidade. Ele queria casar-se com ela, contudo Dr. Flint destruiu esse relacionamento, deixando Jacobs desolada e com o seguinte questionamento em mente: “Por que os escravos amam?” (JACOBS, 2005 [1861], p. 36, tradução nossa).¹⁹ Linda Brent era uma adolescente que havia se apaixonado pela primeira vez, mas em sua condição de escrava, para seu senhor, ela era apenas um objeto, uma propriedade, e não possuía o direito de amar:

Surgiu, no bairro um jovem carpinteiro negro; um homem livre. Nós tínhamos sido amigos na infância e frequentemente nos encontrávamos depois. Tornamo-nos mutuamente unidos, e ele propôs casamento. Eu o amava com todo o ardor do primeiro amor de uma jovem. Mas quando eu

16 “Dr. Flint swore he would kill me, if I was not as silent as the grave” (2005 [1861], p. 18).

17 “I was very young and felt shamefaced about telling her such impure things, especially as I knew her to be very strict on such subjects” (JACOBS, 2005 [1861], p. 18).

18 “As [the master] lay there on his bed, a mere degraded wreck of manhood, he took into his head the strangest freaks of despotism; and if Luke hesitated to submit to his orders, the constable was immediately sent for. Some of these freaks were of a nature too filthy to be repeated. I left poor Luke still chained to the bedside of this cruel and disgusting wretch” (JACOBS, 2005 [1861], p. 171).

19 “Why does the slave ever love?” (JACOBS, 2005 [1861], p. 36).



refleti que eu era uma escrava, e as leis não davam autorização para tal casamento, meu coração afundou dentro de mim. Meu amado queria comprar-me; mas eu sabia que Dr. Flint era muito voluntarioso e arbitrário e não aprovaria essa disposição. (JACOBS, 2005 [1861], p. 24, tradução nossa)²⁰

O impacto de não ter sido permitida amar como um ser humano, como mulher dona de suas escolhas, interferiu diretamente sobre os conceitos de sexualidade e relacionamento na vida de Harriet. A partir desse momento em sua narrativa, a vida amorosa de Jacobs havia se tornado irrelevante e um possível uso da sexualidade seria em prol de sua proteção e liberdade. Fica explícito em sua narrativa que Jacobs não se orgulhava de ter seguido esse expediente. Pelo contrário, seu texto evidencia as tensões que sofreu ao escolher o caminho da astúcia como forma de sobrevivência. Como ela mesma confessa mais adiante em relação a seus estratagemas e expedientes: “Eu gosto de uma abordagem direta, e sou sempre relutante em recorrer a subterfúgios. Na Medida em que meus caminhos foram tortuosos, eu atribuo todos eles à escravidão. Foi esse sistema de violência e erro que não me deixou outra alternativa senão representar uma farsa”²¹ (JACOBS, 2005 [1861], p. 149, tradução nossa).

Em um terceiro momento de sua narrativa, o leitor se depara com uma Harriet prematuramente amadurecida pela dor e que agora passa a raciocinar meticulosamente um plano para se libertar dos assédios de seu senhor: o plano envolve diretamente sua sexualidade. Jacobs (2005 [1861]) comenta em sua autobiografia que as perseguições de Dr. Flint e os ciúmes de sua esposa Mrs. Flint resultaram em comentários maldosos pela vizinhança. Nesse momento Harriet descobriu que um senhor branco de muito prestígio social se interessou por ela. Durante o mesmo período, Dr. Flint pretendia construir um chalé para manter Linda como sua amante. Harriet viu no relacionamento com outro homem branco, de uma posição social muito maior do que a do Dr. Norcom, a única maneira de fugir das opressões sofridas por seu Senhor:

20 “There was in the neighborhood a Young colored carpenter; a free Born man. We had been well acquainted in childhood, and frequently met together afterwards. We became mutually attached, and he proposed to marry me. I love him with all the ardor of a young girl’s first love. But when I reflected that I was a slave, and the laws gave no sanction to the marriage of such, my heart sank within me. My lover wanted to buy me; but I knew that Dr. Flint was too willful and arbitrary a man to consent to that arrangement” (JACOBS, 2005 [1861], p. 24).

21 “I like a straightforward course, and am always reluctant to resort to subterfuges. So far as my ways have been crooked, I charge them all upon slavery. It was that system of violence and wrong which left me no alternative but to enact a falsehood” (JACOBS, 2005 [1861], p. 149).



Quando eu descobri que o meu senhor havia realmente começado a construir uma cabana em um lugar distante, outros sentimentos se misturaram com aqueles que já descrevi. Vingança e cálculos de interesse foram adicionados à vaidade lisonjeada e sincera gratidão pela bondade. Eu sabia que nada iria enfurecer Dr. Flint tanto quanto saber que eu havia favorecido outro, e vender-me seria algo como um triunfo, e eu tinha certeza de que meu amigo, Sr. Sands, iria me comprar. Ele era um homem de mais generosidade e sentimento do que o meu senhor, e eu pensei que a minha liberdade poderia ser facilmente obtida a partir dele. As crises de meu destino agora chegaram tão perto que eu estava prestes a ser possuída pelo meu velho tirano. Eu sabia que, assim que um novo acesso de fúria viesse, suas vítimas seriam vendidas longe, para livrar-se delas; especialmente se elas tivessem filhos. Eu já tinha visto várias mulheres serem vendidas, com os bebês no peito.²² (JACOBS, 2005 [1861], p. 37, tradução nossa)

Um dos maiores temores de Jacobs era ter filhos com seu senhor, pois sabia que futuramente eles seriam separados da mãe. Para a autora, Harriet teve de procurar opções não tão usuais para fugir de Dr. Norcom. Yellin comenta que Harriet provavelmente relutou muito consigo mesma, ao ter de usar a própria sexualidade para se prevenir do abuso sexual, mas de fato “Linda” pensava no futuro de seus filhos, pois tinha esperança de que Mr. Sands (Mr. Sawyer) a comprasse e a seus futuros filhos também. Entretanto, o fato de ter se relacionado com outro homem, ainda que branco, não foi totalmente maquiado: Harriet sugere em sua narrativa que, se era para submeter-se a um relacionamento ilegítimo de acordo com seus preceitos religiosos, então que fosse com alguém de sua livre escolha. Harriet Jacobs lutava por suas escolhas, e sua sexualidade também está envolvida nesse processo.

Como afirma Gunning (1996), Harriet Jacobs não conseguiu a liberdade esperada por meio de seu relacionamento sexual com Mr. Sands (Mr. Sawyer) e, em desespero, encontrou como única saída se esconder no sótão da casa de sua avó. Jacobs ficou aproximadamente sete anos confinada em um espaço de um metro e meio antes de sua fuga para o norte dos Estados Unidos.

22 “When I found that my master had actually begun to build the lonely cottage, other feelings mixed with those I have described. Revenge, and calculations of interest, were added to flattered vanity and sincere gratitude for kindness. I knew nothing would enrage Dr. Flint so much as to know that I favored another, and it was something to triumph by selling me, and I was sure my friend, Mr. Sands, would buy me. He was a man of more generosity and feeling than my master, and I thought my freedom could be easily obtained from him. The crises of my fate now came so near that I was be owned by my old tyrant. I knew that as soon as a new fancy took him, his victims were sold far off to get rid of them; especially if they had children. I had seen several women sold, with babies at the breast” (JACOBS, 2005 [1861], p. 37).



6. A religião e as relações familiares como elementos de construção identitária de Harriet Jacobs

Durante toda a extensão de sua narrativa, Jacobs revela seus fortes laços com a cultura religiosa e a instituição familiar. As duas dimensões estão presentes em sua narrativa, tanto nos aspectos libertários, positivos, quanto opressivos e alienantes. Os referenciais religiosos que, por um lado, comunicam esperança, por outro trazem revolta. As narrativas de Jacobs não chegam a questionar os preceitos teológicos do cristianismo protestante do seu tempo, mas sim a prática cotidiana e contraditória que não reconhecia o escravo como ser humano, como próximo, e ao mesmo tempo trazia ao opressor um senso de justificação e legitimação.

Sobre a religiosidade presente na vida de Jacobs, observam-se, de um lado, os princípios religiosos passados a ela e, sobretudo, o exercício pessoal da fé que tomava como escudo e como fonte de esperança diante de tantas adversidades. Contudo, a mesma fé que trazia sanidade provocava na mente de Jacobs um grande senso de culpa por, de certa forma, ter traído seus princípios religiosos em prol a sua liberdade de escolha. Durante sua fuga para o Norte dos Estados Unidos, sua avó escreve uma carta a Harriet; nessa carta o leitor poderá observar como a religião era a estrutura da vida familiar de Jacobs:

Querida Filha: Eu não posso esperar para vê-la novamente nesta Terra; mas peço a Deus que nos una lá em cima, onde a dor não vai mais torturar este meu corpo débil; onde não mais haverá tristeza e despedida de meus filhos. Deus prometeu essas coisas, se formos fiéis até o fim. Minha idade e saúde frágil privam-me de ir para a igreja agora; mas Deus está comigo aqui em casa. Agradeça ao seu irmão por sua bondade. Dê muito amor a ele, e diga-lhe para se lembrar do Criador nos dias da sua juventude, e se esforçar para encontrar-me no reino do Pai.²³ (JACOBS, 2005 [1861], p. 133, tradução nossa)

Como se vê, religiosidade e vínculos familiares estão imbricados numa experiência comum. Harriet Jacobs foi criada nos princípios religiosos protestantes, e a fé de sua avó sempre foi um bálsamo para as dores da escravidão. Entretanto, a jovem

23 “Dear Daughter: I cannot hope to see you again on earth; but I pray to God to unite us above, where pain Will no more rack this feeble body of mine; where sorrow and parting from my children Will be no more. God has promised these things if we are faithful unto the end. My age and feeble health deprive me of going to church now; but God is with me here at home. Thank your brother for his kindness. Give much love to him, and tell him to remember the Creator in the days of his youth, and strive to meet me in the Father’s kingdom” (JACOBS, 2005 [1861], p. 133).



observava e sentia na pele as contradições e, sobretudo, a hipocrisia da experiência religiosa dos brancos. Segundo Yellin (2004), Jacobs não entendia como a religião poderia desumanizar as pessoas, contudo foi exatamente no meio desse cenário contraditório que a jovem Harriet viveu durante toda sua vida. Em certo momento de sua narrativa, Jacobs relata o comportamento de sua senhora, que aparentemente era uma dama frágil, e membro participativo da igreja:

A Sra. Flint, como muitas mulheres do Sul, era totalmente deficiente em energia. Ela não tinha forças para supervisionar seus assuntos domésticos; mas seus nervos estavam tão fortes, que ela poderia sentar-se em sua poltrona e ver uma mulher chicoteada até que o sangue escorresse de cada golpe do chicote. Ela era um membro da Igreja; mas participar da Ceia do Senhor não era suficiente para colocá-la num estado de espírito cristão. Se o jantar não fosse servido no momento exato em que determinado no domingo, ela ficaria na cozinha e esperaria até que fosse servido, e depois cuspiria em todas as chaleiras e panelas que foram usadas para cozinhar. Ela fazia isso para evitar que o cozinheiro e seus filhos comessem os restos do molho e outros raspados. Os escravos não podiam obter nada para comer, exceto o que ela escolhesse para lhes dar.²⁴ (JACOBS, 2005 [1861], p. 6, tradução nossa)

Santos (2011), ao comentar sobre a religiosidade presente nas narrativas de Jacobs, afirma que a autobiografia de Linda Brent tem como um dos intuitos principais denunciar e revisar o espaço político-religioso vigente, pois tem como objetivo propagandista sensibilizar os abolicionistas do Norte do país, onde o sistema escravocrata estava chegando ao fim. Todavia, Santos (2011) também afirma que a religiosidade está fortemente presente nas narrativas de Douglass e Jacobs não somente como protesto contra o sistema político-religioso, mas também como parte da formação identitária. Ao citar Toller (2009), Santos mostra que:

Mais importante ainda, as narrativas [de Harriet Jacobs e Frederick Douglass] transformam-se não só em instrumento de denuncia, mas também em locus de articulação de um projeto ontológico, visando à autocriação autodefinição, à (re)escrita de um “sujeito” em contraposição ao “objeto” escravizado. Portanto imbuídos de uma visão abolicionista tanto no sentido material quanto espiritual, Douglass e Jacobs não abandonam os preceitos bíblicos que abraçaram, mas apropriam-se, subvertem e transformam o “legado

24 “Mrs. Flint, like many southern women, was totally deficient in energy. She had not strength to superintend her household affairs; but her nerves were so strong, that she could sit in her easy chair and see a woman whipped, till the blood trickled from every stroke of the lash. She was a member of the church; but partaking of the Lord’s supper did not seem to put her in a Christian frame of mind. If dinner was not served at the exact time on that particular Sunday, she would station herself in the kitchen, and wait till it was dished, and then spit in all the kettles and pans that had been used for cooking. She did this to prevent the cook and her children from eking out their meager fare with the remains of the gravy and other scrapings. The slaves could get nothing to eat except what she chose to give them” (JACOBS, 2005 [1861], p. 6).



cultural ocidental”, usando-o em articulações e funcionamentos específicos e configurando, assim, significações específicas. (2011, p. 3)

Além da religiosidade, outro fator presente nas narrativas de Jacobs é a relação entre as famílias. Os escravos, até então tidos como sujeitos coisificados, não conseguiam manter suas famílias unidas, muitos eram vendidos, mortos ou fugiam para o Norte sem dar notícias. Harriet narra um dos momentos mais tristes para os escravos relacionados aos vínculos familiares, esse seria a chegada do ano novo, tempo em que muitos escravos eram vendidos e filhos eram separados de suas mães:

Oh, vocês mulheres felizes e livres, contrastam seu Dia de Ano Novo com o da pobre mulher escrava! Para você essa é uma estação agradável, e a luz do dia é abençoada. Desejos benévolos vêm ao seu encontro de todos os lugares, e os presentes são derramados sobre você. Mesmo corações que se afastaram de você se abrandam nessa temporada, e lábios que ficaram silenciosos ecoam: "Desejo-lhe um feliz Ano Novo". As crianças trazem suas pequenas oferendas, e erguem seus lábios rosados para uma carícia. Eles são seus próprios filhos, e nenhuma mão, senão a da morte poderá levá-los de você. Mas para a mãe escrava o dia de Ano Novo vem carregado de tristezas peculiares. Ela se assenta no assoalho frio de sua cabana, observando as crianças que podem ser arrancadas dela na manhã seguinte, e muitas vezes ela desejaria ser encontrada morta junto com seus filhos antes de o dia amanhecer. Ela pode ser uma criatura ignorante, degradada pelo sistema que a tem brutalizado desde a infância; mas ela tem instintos de uma mãe e é capaz de sentir as agonias de uma mãe.²⁵ (JACOBS, 2005 [1861], p. 8, tradução nossa)

Jacobs relata muitas cenas pungentes de crueldade em sua narrativa. Entretanto, seu propósito, segundo Yellin (2004) destaca, não é o de se impor como vítima, mas o de mostrar principalmente para a mulher branca que o regime escravocrata destrói a instituição familiar, tanto dos negros quanto dos brancos, pois desumaniza, corrompe e destrói princípios de vida baseados na dignidade e na liberdade. Igualmente, o sistema escravagista torna inconsistente a experiência religiosa do escravocrata e deforma a religião. Em uma de suas lembranças, Harriet comenta um episódio de total desarmonia familiar entre os Flints (família Norcom) devido à sua própria situação como escrava:

25 “O, you happy free women, contrast your New Year’s Day with that of the poor bond woman! With you it is a pleasant season, and the light of the day is blessed. Friendly wishes meet you everywhere, and gifts are showered upon you. Even hearts that have been estranged from you soften at this season, and lips that have been silent echo back, “I wish you a happy New Year.” Children bring their little offerings, and raise their rosy lips for a caress. They are your own, and no hand but that of death can take them from you. But to the slave mother New Year’s day comes laden with peculiar sorrows. She sits on her cold cabin floor, watching the children who may all be torn from her the next morning and often does she wish that she and they might die before the day dawns. She may be an ignorant creature, degraded by the system that has brutalized her from childhood; but she has a mother’s instincts, and is capable of feeling mother’s agonies” (JACOBS, 2005 [1861], p. 8).



Dr. Flint, ocasionalmente, tinha altos preços oferecidos por mim; mas ele sempre disse: “Ela não me pertence. Ela é propriedade da minha filha, e eu tenho o direito de vendê-la”. Homem bom e honesto! Minha senhorinha era ainda uma criança, e eu não poderia esperar dela nenhuma proteção. Eu a amava, e ela correspondia à minha afeição. Certa vez ouvi seu pai referir-se à sua ligação a mim, e sua esposa prontamente respondeu que ela era causada pelo medo. Isso colocou dúvidas desagradáveis em minha mente. Será que a criança fingia o que de fato não sentia? Ou era sua mãe ciumenta da força do amor que ela depositava em mim? Concluí que devia ser o último. Eu disse a mim mesma: “Certamente, as crianças pequenas são verdadeiras”.²⁶ (JACOBS, 2005 [1861], p. 11, tradução nossa)

Tanto a hipocrisia da prática religiosa vigente quanto a política do regime escravocrata destruíam famílias de brancos e negros.

7. Considerações Finais

A obra de Harriet Jacobs deixou profundas marcas na história da literatura norte-americana, como também na história da luta pela liberdade e dignidade dos negros nos Estados Unidos. A narrativa da escrava que, por meio da escrita, conquistou sua liberdade física e espiritual é muito mais do que um relato comovente. A escrita tornou-se como um fator de extrema relevância para a construção da sua identidade, uma arma de libertação e empoderamento.

A exposição do tema da sexualidade do escravo e dos senhores é sem dúvida o grande diferencial de sua obra, em contraste com tantas outras narrativas. Harriet se expõe ao denunciar o assédio sexual sofrido. Ela fez uso de sua sexualidade para fugir do abuso sexual, na tentativa de proteger seus filhos e conquistar sua liberdade.

A religiosidade aparece em dois momentos na formação identitária de Harriet: como fonte de consolo, força e fé, provenientes de seus princípios familiares, e como denúncia à hipocrisia do contexto religioso vigente que ao mesmo tempo prega a igualdade entre os povos e desumaniza os escravos. As relações familiares presentes na obra de Jacobs mostram que o regime escravocrata é destruidor do tecido familiar não

26 “Dr. Flint occasionally had high prices offered for me; but he always said, ‘She don’t belong to me. She is my daughter’s property, and I have no right to sell her’. Good Honest man! My young mistress was still a child, and I could look for no protection from her. I love her, and she returned my affection. I once heard her father allude to her attachment to me, and his wife promptly replied that it proceeded from fear. This put unpleasant doubts into my mind. Did the child feign what she did not feel? Or was her mother jealous of the mite of love she bestowed on me? I concluded it must be the latter. I said to myself, ‘Surely, little children are true’” (JACOBS, 2005 [1861], p. 11).



somente dos negros que são vendidos, separados de seus parentes, mas também dos brancos, que perdem a noção de humanidade e respeito pelo próximo, destruindo seus próprios relacionamentos familiares.

Referências

DAVIS, Charles T.; GATES Jr., Henry Louis. **The Slaves Narrative**. New York: Oxford University Press, 1990.

EYERMAN, Ron. **Cultural Trauma: Slavery and the Formation of African American Identity**. New York: Cambridge University Press, 2003.

FOSTER, Frances Smith. Resisting *Incidents*. In: GARFIELD, Deborah M.; ZAFAR, Rafia. **Harriet Jacobs and *Incidents in the Life of a Slave Girl***. Melbourne, Australia: Cambridge University Press, 2004. p. 57-75. [first edition 1996]

GOLDSBY, Jacqueline. "I Disguised my Hand": Writing Versions of the Truth in Harriet Jacobs's *Incidents in the Life of a Slave Girl* and John Jacobs "A True Tale of Slavery". In: GARFIELD, Deborah M.; ZAFAR, Rafia. **Harriet Jacobs and *Incidents in the Life of a Slave Girl***. Melbourne, Australia: Cambridge University Press, 2004. p. 11-43. [first edition 1996]

GUNNING, Sandra. Reading and Redemption in *Incidents*. In: GARFIELD, Deborah M.; ZAFAR, Rafia. **Harriet Jacobs and *Incidents in the Life of a Slave Girl: new critical essays***. Cambridge Studies in American Literature and Culture. Melbourne: Cambridge University Press, 1996. p. 131-154.

JACOBS, Harriet. **Incidents in the Life of Slave Girl: written by herself**. Editor, Lydia Maria Child. Ann Harbor: Michigan University Press, 2005. [first edition 1861]

MCPHERSON, Lionel K.; SHELBY, Tommie. Blackness and Blood: Interpreting African American Identity. **Philosophy and Public Affairs**, Blackwell Publishing, v. 32, n. 2, p. 171-192, 2004.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e Identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, p. 6-14, jul./out. 2012.

PACE, Ana Amélia Barros Coelho. **Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Modernas. Área de Concentração: estudos linguísticos, literários e tradutológicos em Francês. USP. São Paulo.

SANTOS, José Paiva dos. **Autobiografia, apropriações e subversões: a literatura negra abolicionista nos Estados Unidos oitocentistas**. 2011. Faculdade de Letras/ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em: <



http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/v.%2019%20n.%201/Resumo-Abstract_Jose_dos_Santos.pdf>. Acesso em: 12 out 2014.

STARLING, Marion. **The Slave Narrative: its Place in American History**. 2. ed. Washington DC: Howard University Press, 1982.

YELLIN, Jean Fagan. Text and Context of Harriet Jacobs' Incidents in the Life of a Slave Girl: Written by Herself. In: DAVIS, Charles T.; GATES, Henry Loius Jr. **The Slave's Narrative**. New York: Oxford University Press, 1990. p. 262-282

YELLIN, Jean Fagan. **Harriet Jacobs: a Life**. Cambridge, Massachusetts: Basic Civitas Books, 2004.

ZAFAR, Rafia. Introduction: Over-exposed, Under-exposed: Harriet Jacobs and Incidents in the Life of a Slave Girl. In: GARFIELD, Deborah M.; ZAFAR, Rafia. **Harriet Jacobs and Incidents in the Life of a Slave Girl**. Melbourne, Australia: Cambridge University Press, 2004. p. 1-10. [first edition 1996]

Submetido em: 10/10/2017. Aprovado em: 27/11/2017.

